

WHATSAPP: COMUNICAÇÃO, UBIQUIDADE E MINIMALISMO*

Penha Élidea Ghiotto Tuão Ramos - UENF (Universidade Estadual do Norte Fluminense
Darcy Ribeiro)

Márcio César Silva Ramos – UNIUBE (Universidade de Uberaba)

RESUMO: As tecnologias digitais tornaram a comunicação a distância ainda mais instantânea e ubíqua, especialmente com o *WhatsApp*. Nessas situações de interação, há, entretanto, uma minimização das construções verbais e um realce das não verbais, assim como diferentes linguagens — a verbal, a visual e a sonora — são hibridizadas, possibilitando a criação e a difusão de mensagens irreverentes e desterritorializadas capazes de se espalhar e atrair grande grupo de espectadores. Se, na ótica da comunicação, é possível observar relevante grau de eficiência no uso do *WhatsApp*, sob a perspectiva do processo ensino-aprendizagem, especialmente no que diz respeito ao exercício da escrita e da leitura, essa eficácia se torna questionável.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Comunicação. Leitura. Escrita. Minimalismo.

INTRODUÇÃO

Tanto como uma forma de registro quanto de comunicação e expressão, a escrita sempre se fez presente por meio de diferentes suportes. Na Idade Média, os registros eram feitos em rolos, posteriormente em grandes encadernados de pergaminhos dobrados denominados códex — ancestral do livro como conhecemos hoje.

A popularização do ensino da leitura fez com que os escritos passassem a ser criados ou adaptados exatamente para esse público, ocasionando uma demanda de novos textos. Nessa perspectiva, o livro rolo é substituído pelo livro com páginas, o códex: “A mesma necessidade de aproximar o livro do leitor ou, se quisermos, de ir ao seu encontro, vai levar ao aparecimento do códex (códice), o livro-caderno ‘com páginas’. [...] Por sua própria forma, o códice permitia ao leitor ficar com uma mão livre” (CAVALLO, 1998, p. 90). Com o papel desenvolvido por meio de resina das árvores, a invenção do tipógrafo e a revolução industrial, o objeto livro torna-se popular e difunde a escrita, revolucionando o modo de ler: da leitura necessariamente oral e limitada dos rolos a uma leitura – também necessariamente – silenciosa e em grande quantidade, não mais reproduzida por copistas, mas por máquinas.

O aparecimento dos jornais, no final do século XVII e princípios do século XVIII, trouxe consigo uma leitura verticalizada que intensificou a mobilidade do texto: há agora um leitor que não tem mais que se sentar nem se privar do espaço público para ler, pois, assim como o texto jornalístico, a leitura se torna fragmentada e não linear. As influências da máquina na produção escrita e mesmo o modo como a escrita passa a ser utilizada na paisagem urbana traz a impressão de que o livro, na sua forma tradicional, vai ao encontro de seu fim, como alerta Walter Benjamin (1987, p. 27).

O desenvolvimento de tecnologias digitais potencializou a produção do texto impresso e sua circulação. Além disso, redes sociais digitais são formadas com o uso de softwares de troca de mensagens, como o *Twitter*, o *Facebook* e o *WhatsApp*, entre outros. Associados aos smartphones, esses aplicativos têm feito circular textos com uma linguagem híbrida e irreverente, que, entretanto, torna minimizantes as situações de escrita e de leitura

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

propriamente ditas. Diante desse contexto, este artigo tem em vista verificar a eficiência do *WhatsApp* enquanto ferramenta no processo ensino-aprendizagem, especialmente no que diz respeito às situações de escrita e de leitura. Para tanto, será considerada uma breve análise de um grupo de *WhatsApp* formado por professores e alunos de terceiro ano do Ensino Médio, de uma cidade do interior do Espírito Santo, no período de dezessete de fevereiro a quinze de março de 2016.

1 WHATSAPP E O SUCESSO DOS APLICATIVOS

É de consenso que o uso de aparelhos móveis de comunicação saiu da lista de acessório, da futilidade, para a relação de necessidade. Não apenas por uma função comunicativa, como o clássico celular. Atualmente um único aparelho concentra funções antes atribuídas a diferentes e — não obstante — imensos objetos: televisão, rádio, câmera fotográfica, relógio, cronômetro, calendário, arquivo, máquina de escrever, gravador, etc. Se usamos *smartphone*, também somos regidos por diversas categorias de softwares, de aplicativos, entre os quais os mais populares são: jogos, finanças, produtividade, saúde e bem-estar, localização, utilitários para o dia a dia e redes sociais. O que todos têm em comum? A mistura de linguagens (sonora, visual, verbal), somada à mobilidade e à interatividade, que resultam em uma forte atratividade.

Um exemplo de rede social digital bastante difundida no Brasil e que compõe a preferência de grande parte dos usuários de *smartphones*, é o *WhatsApp Messenger*, um aplicativo de troca de mensagens por meio de *smartphone* conectado à internet. Não tem custo com SMS e foi criado em 2009, por Jan Koum e Brian Acton. Está disponível para *smartphones iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia*. Assim como o aparelho usado para sua instalação, o aplicativo fomenta-se em um misto de funções e de linguagens altamente aprazíveis ao usuário.

2 HIBRIDISMO LINGUÍSTICO E MOBILIDADE: COMBINAÇÃO ATRATIVA

No uso do *smartphone*, o contato com o suporte, a tela, não é o aspecto mais relevante quando se pensa nas alterações que a tecnologia digital trouxe para a escrita e a leitura, mas sim as possibilidades de comunicação que o hibridismo intersemiótico acarreta para as situações comunicativas. De um lado, há uma transmissão de mensagens com instantaneidade inquestionável, que aproxima esse tipo de interação àquela presencial, ao vivo; por outro, a abrangência desse meio de comunicação e o uso que se faz de recursos sonoros e imagéticos proporcionam maior atratividade ao suporte.

Assim que a internet se popularizou, em torno da década de 1999, grandes discussões foram travadas a fim de desmitificar uma impressão que essa nova tecnologia da informação e comunicação passava para seus usuários: a de que a virtualidade era oposta à realidade. Assim, falava-se do ciberespaço como uma forma de fuga da vida real, uma maneira de alienação social. Essa perspectiva, contudo, não haveria de perdurar, afinal, a internet também apresenta ambientes que constituem redes sociais — digitais, é claro —, em que a interação é a palavra de ordem. Pessoas se conhecem, socializam-se, alimentam amizades novas e antigas, promovem encontros, discussões, vendas; difundem materiais culturais, educacionais e políticos, entre tantas outras ações concomitantes com o plano físico. As relações sociais passam a existir, então, não só no ambiente concreto, mas também a coexistir em ambiente virtual, o ciberespaço. Isso gera o que a pesquisadora Lúcia Santaella

(2013, p. 134) chama de ubiquidade, ou seja, poder finalmente “ocupar dois lugares no espaço ao mesmo tempo”.

Do mesmo modo que as relações entre pessoas passaram a ocupar dois planos, também a linguagem por elas utilizada se modifica. A verbalização típica da oralidade não só se repete na escrita dos meios eletrônicos como também é reconstruída por meio da redução gráfica das palavras e pela mistura de diferentes linguagens (a verbal, a visual e a sonora), formando uma linguagem híbrida, como teoriza Santaella (2005). Dá-se, por isso, uma aproximação da linguagem escrita com a oral. Quando se fala de gêneros textuais, é muito recorrente a existência de um suporte que atenda às suas peculiaridades. O jornal impresso, por exemplo, tem formato e estruturação distintos do livro; o mesmo pode ser dito em relação ao panfleto. Também a propaganda apropria-se de imagens para se constituir como tal, explora cores e tamanhos de letras, entre outros recursos. A transmissão via rádio e via televisor também ilustram as alterações pelas quais o texto passou em suas alterações de suporte. E, assim, tantos quanto forem os gêneros textuais mencionados, tantos serão os formatos e estruturas a se divergirem.

Em relação ao smartphone e à comunicação via *WhatsApp*, é possível observar a intensa substituição da escrita formal pelo uso de imagens — os *emoticons* — e de reduções das palavras, além da grande frequência de textos de cunho humorístico e satírico, os *memes* de internet, isto é, imagem e vídeo engraçados que se espalham na rede em grandes proporções, afinal, um mesmo material virtual é replicado tantas vezes cada internauta o remete para outro, gerando uma capacidade multiplicativa incontrolável, em que um indivíduo é capaz de, simultaneamente, remeter um conteúdo tantas vezes quanto permitir seu grupo de contatos. Enquanto isso, esse mesmo indivíduo está suscetível a receber tantas outras mensagens, formando uma teia rizomática ávida por acessos, visualizações.

Nessas relações comunicativas, contudo, quais as implicações para a leitura e a escrita? Em que aspectos há a potencialização ou a limitação dessas práticas no contexto do *WhatsApp*?

3 PARTICULARIDADES DA LEITURA E DA ESCRITA

A leitura e a escrita retroalimentam-se. Do contato com as palavras, muitos e conhecidos benefícios podem ser relacionados, como: ampliação de vocabulário e de conhecimentos, desenvolvimento da criatividade e da capacidade de fazer inferências, melhoramento do dinamismo e do raciocínio, enfim, aprimoramento de habilidades e competências que potencializam a compreensão de textos. Entretanto, a escrita repousada na página dos livros e a leitura meditativa ou contemplativa, do texto e da imagem fixos, (SANTAELLA, 2004, p. 24) há tempo têm sido substituídas por práticas de leitura bastante heterogêneas, moventes e fragmentadas (SANTAELLA, 2004, p. 29). Assim,

A escrita, que no livro impresso havia encontrado um asilo onde levava sua existência autônoma, é inexoravelmente arrastada para as ruas pelos reclames e submetida às brutais heteronomias do caos econômico. [...] Se há séculos ela havia gradualmente começado a deitar-se, da inscrição ereta tornou-se manuscrito repousando oblíquo sobre escrivatinhas, para afinal acamar-se na impressão, ela começa agora, com a mesma lentidão, a erguer-se novamente do chão. Já o jornal é lido mais a prumo que na horizontal, filmes e reclames forçam a escrita a submeter-se de todo à ditatorial verticalidade. E, antes que um contemporâneo chegue a abrir um livro, caiu sobre seus olhos um denso turbilhão de letras cambiantes, coloridas, conflitantes, que as chances de sua penetração na arcaica quietude do livro se tornaram mínimas. Nuvens de gafanhotos de escritura, que hoje já obscurecem o céu

do pretense espírito para os habitantes das grandes cidades, se tornarão mais densas a cada ano seguinte (BENJAMIN, 1987, p. 27-8).

Contemporâneo e antigo se fundem no aplicativo *WhatsApp*, afinal as proposições de Walter Benjamin sobre a escrita e a leitura se realizam nas comunicações das plataformas interativas. Nos dispositivos móveis de comunicação, há tanto a desterritorialização do texto como a reconfiguração da linguagem. A leitura, neste caso, torna-se também imersiva e ubíqua, o que, segundo Santaella (2004, p. 12), faz com que o leitor, conectado à tela, vá “unindo, de modo a-sequencial, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica”, que, nas redes sociais digitais, permite a mobilidade entre dois espaços — o físico e o virtual — ao mesmo tempo.

Nessa esfera virtual, a linguagem estritamente verbal e formal, frequentemente, é substituída por outra baseada no uso de imagens ou soma dessas duas linguagens, resultando textos menos densos e com ampla redução gráfica de palavras.

Evidentemente, a escrita formal em todo seu rigor e extensão não é de tudo compatível com a tela dos smartphones quanto o *internetês* que predomina as comunicações em ambiente virtual. Entre as razões que acarretam esse uso, tem-se a pressa oriunda da instantaneidade dessa comunicação e a oferta de recursos incompatíveis com o texto em papel. Dessa forma, em vez de dizer “você” o usuário diz “vc” ou “c”. Em outros casos, no lugar de uma saudação verbal (“oi”, “olá”, “bom dia”, “tudo bem”), opta-se por uma imagem, o *emoticon*. Há ainda as mensagens de voz, os *memes*, os vídeos, enfim, formas textuais de gênese digital que, constantemente, são encaminhados a outros usuários a fim de expressar algum estado de humor ou contexto do remetente ou destinatário. Ou seja, tem-se construções textuais que chegam prontas aos usuários do *WhatsApp*, para os quais o único esforço é a sua retransmissão. Assim, a atividade de escrita e leitura são reconfiguradas pelos moldes dos aparatos eletrônicos.

Pela afinidade temática, grupos são formados e compartilham textos de interesse comum, normalmente, humorísticos e de fácil compreensão, compostos por imagens e sons, gerando um prazer instantâneo e fugaz. A autobiografia e a autoficção também são recorrentes nesse meio, especialmente por meio das fotos postadas pelos usuários. A vida pessoal ganha uma dimensão pública e hedônica, já que as imagens tanto das experiências excepcionais quanto das banais passam a circular nas redes sociais digitais no anseio de retratar a própria história e recrutar audiência. Por outro lado, emerge uma autoficção: as redes sociais digitais permitem que seus usuários construam a sua própria história, ou seja, a história que desejam para si. Postam fotos e vídeos previamente selecionados, criando um recorte da realidade concreta, isto é, narrando uma realidade desejada e desejável, que não deixa de ser real, mas também beira à ficcional e suscetível à formação de um público. Novamente, tem-se uma situação em que a linguagem visual e a sonora sobrepõem-se à verbal nas plataformas de interação.

4 BREVE ANÁLISE: WHATSAPP COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

A fim de ilustrar a linguagem da comunicação realizada em redes sociais de dispositivos móveis, será considerada uma breve análise do grupo de *WhatsApp Detonautas FEBREU/ENEM 2016*, criado em uma escola estadual de Ensino Médio no interior do estado do Espírito Santo. Nessa perspectiva, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e exploratória.

Detonautas FEBREU/ENEM 2016 é formado por trinta alunos do terceiro ano do Ensino Médio e cinco professores. O grupo foi criado pela professora de Geografia após um diálogo com os estudantes. A proposta fundamentou-se no envio de mensagens com dicas e informações sobre o Enem e conteúdos estudados na escola. Ainda houve a intenção de ampliar a interação entre alunos e destes com os professores.

Observando as interações na plataforma do grupo *Detonautas FEBREU/ENEM 2016*, desde sua criação, em 17 de fevereiro de 2016, até dezessete de março de 2016, tem-se o seguinte:

Tabela 1: Tipos e frequência das manifestações comunicativas na plataforma do grupo *Detonautas*

Manifestação comunicativa		Quantidade
Linguagem verbal	Textos que circulam na <i>internet</i> (piadas, reflexões)	03
	Diálogos	60
Linguagem visual (emotions)		43
Linguagem visual (fotografias)		03
Linguagem sonora (gravação de voz)		00
Linguagem híbrida (palavras e emotions)		23
Linguagem híbrida (memes)		05
<i>Link</i>		03
Onomatopeia (Kkkkkkk)		06

Fonte: dados da pesquisa

Nota-se, no quadro acima, que há um número significativo de mensagens de texto basicamente verbal (um total de sessenta e três), entretanto, apenas três desses textos contêm mais de quatro linhas, evidenciando a frequência de textos curtos. Além disso, dezenove dessas conversas partiram de professores, restando somente 44 produzidas pelos alunos. Entre as reduções gráficas, foi recorrente o uso de: “vcs” (“vocês”), “bjs” (“beijos”), “p” (“para”), “prof” (“professora”), “fds” (“final de semana”), “q” (“que”), “dtd” (“de tudo”), “ctz” (“com certeza”), “gnt” (“gente”), “mto” (“muito”), “noit” (“noite”).

O uso de fotografias nesse grupo foi irrisório, somente três fotos, as quais imediatamente receberam o seguinte comentário do membro que as postou: “Foi mal! Mande para o grupo errado!” Tratava-se de fotos de uma festa em um clube muito popular na região. Ao enviar fotos de momentos pessoais para o grupo, esse componente também produziu um conteúdo de foro autobiográfico. Nota-se, entretanto, que o equívoco no envio das fotos esclarece que essa ação não foi compatível com o grupo *Detonautas*, mas seria com outro do qual essa mesma pessoa certamente participa.

O uso de linguagem visual também foi representativo, quarenta e três comunicações estabelecidas apenas por linguagem visual (*emoticons*); outras vinte e três utilizaram palavras e *emoticons*, além de cinco *memes* (linguagem híbrida), 6 manifestações de “kkkkkkk” (onomatopeia de risos). Somando, o uso de imagens e onomatopeias no grupo da plataforma em análise correspondeu a setenta e sete comunicações. Enfim, confirma-se que a imagem está intrínseca a esse tipo de comunicação.

Três *links* referentes ao Enem e a oportunidade de estágio foram postado por professores que compõem o diálogo do grupo. Apenas um desses endereços eletrônicos motivou diálogo; tratava-se de oportunidade de estágio; o *link* relacionado ao Enem obteve

apenas um comentário, um *emoticon* com sinal de aprovação (uma mãozinha fazendo sinal de “tínindo”); as mensagens enviadas pelos professores receberam, no máximo, três comentários. Tendo em vista essa falta de reação do grupo diante do *link* sobre o Enem e, mesmo, a falta de interação com os comunicados emitidos pelos professores, nota-se a ausência de um aspecto essencial às redes sociais digitais: a identificação do usuário com a temática do grupo. Assim, “quanto mais parecidos e mais interesses em comum tiverem os atores sociais, maior a possibilidade de formar grupos coesos com característica de comunidades” (RECUERO, 2009, p. 138).

CONCLUSÃO

A plataforma interativa *WhatsApp*, assim como outras redes sociais digitais, apresenta uma linguagem própria, marcada pela economia de palavras e pela sua redução gráfica, que, somadas ao uso de imagens (*emoticons*) e onomatopeias, repetem a visualidade e a sonoridade da fala. Surge, assim, uma nova linguagem, criativa e irreverente, que atribui ao usuário o estado de ubiquidade, ou seja, a ocupação de dois espaços sociais ao mesmo tempo: o físico e o virtual.

Entretanto, essas mesmas características que marcam a novidade dessa linguagem também deixam clara a inaptidão desse meio de comunicação para a prática de escritas densas e formais que, conseqüentemente, repercutiriam em situações de ensino-aprendizagem mais consistentes. A comunicação escrita nessa rede social é minimalista e repercute uma prática de leitura também superficial.

A análise do grupo de *WhatsApp Detonautas FEBREU/Enem 2016* permite afirmar que, em um mês de funcionamento, o grupo ainda não conseguiu atingir o seu objetivo, que é intensificar a interação dos estudantes entre si e com situações de aprendizagem. Isso aponta para uma desmotivação dos usuários em promover contribuições (postagens) que promovam a retroalimentação do grupo, possivelmente por conta do desinteresse dos mesmos com a temática adotada.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAVALLO, Guglielmo. Entre *vollumen* e *codex*: a leitura no mundo romano. In: CAVALLLO; Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.